
REALE, Giovanni. *Para uma nova interpretação de Platão*. Tradução de Marcelo Perine. São Paulo: Edições Loyola, 1997. 640 p.

Giovanni Reale, professor da Universidade Católica de Milão, discute, em seu livro, as chamadas “doutrinas não-escritas” de Platão, ou seja, os ensinamentos orais que o filósofo ministrou na Academia e que foram registrados pelos discípulos mais diretos. Trata-se de estudo profundo e detalhado das teses da Escola de Tübingen, com referências aos pesquisadores alemães que, a partir da década de 50, alertaram para a importância das “doutrinas não-escritas”; tais são Hans-Joachim Krämer, o fundador da Escola, K. Gaiser e T. A. Szlezák. Além disso, é um estudo oportuno, já que pouco abordado pela maioria dos estudiosos de Platão.

Nos próprios *Diálogos* há referência a tais doutrinas; pois, no *Fedro* e na *Carta VII*, Platão destaca a superioridade do discurso oral sobre o escrito, fazendo referência a “coisas mais elevadas” que só devem ser transmitidas oralmente. Além dessas referências, há o testemunho dos discípulos de Platão, tais como Aristóteles, Espeusipo e Xenócrates, que reproduzem ensinamentos do mestre ausentes nos *Diálogos*.

No *Fedro*, Sócrates faz uma contrastante comparação entre o discurso oral e o escrito. Diz ele: “Acreditas que [os escritos] falam e pensam eles

mesmos alguma coisa, mas se, compreendendo bem, lhes perguntas alguma coisa do que disseram, continuam a repetir uma única e mesma coisa”. Já na *Carta VII*, é o próprio Platão quem diz explicitamente: “Todos os que afirmam saber as coisas sobre as quais medito, seja por tê-las ouvido de mim, seja por tê-las ouvido de outros, seja por tê-las descoberto sozinhos, não é possível, segundo meu parecer, que tenham entendido algo desse objeto. Sobre essas coisas não existe um texto escrito meu nem existirá jamais”.

Assim, o fundador da Academia teria omitido dos escritos o fundamento de sua filosofia, sem o qual não se pode explicar a totalidade desta.

Porém, mesmo não tendo sido escritos por Platão, os ensinamentos orais do filósofo podem ser resgatados através dos textos dos discípulos. Por exemplo, no livro I da *Metafísica*, Aristóteles oferece valiosas informações sobre os ensinamentos orais platônicos, ao criticar a hierarquia das realidades supra-sensíveis proposta por Platão. Nos livros XIII e XIV, comenta e refuta reflexões de Platão relativas à matemática, as quais, contudo, não se encontram nos *Diálogos*. Além dos discípulos, há as fontes indiretas, entre as quais Aristóxeno, Diógenes Laércio, Simplicio e Sexto Empírico.

Segundo Reale, as “doutrinas não-escritas” completariam o pensamento metafísico platônico. Por exemplo, assim como os grandes filósofos que o precederam, Platão se preocupou

em explicar o mundo através de um ou mais princípios. Assim o fizera Sócrates, que equiparara a moral e a política ao conhecimento verdadeiro; assim o fizeram os filósofos eleatas, que buscaram na unidade a explicação para a multiplicidade verificada na *phýsis*. Foi justamente da preocupação em reduzir o múltiplo à unidade que surgiu a teoria das Idéias de Platão. Com esta, o filósofo mostra que a pluralidade das coisas sensíveis se reduz à unidade da idéia, assim como os vários homens participam da Idéia de homem. Porém, se há a idéia de homem, há a de cavalo, a de cão e outras, de modo que também o mundo das idéias seria um mundo múltiplo que precisaria ser reduzido à unidade.

O problema, como o expõe Reale, só pode ser resolvido se se levar em conta a teoria dos Princípios, como são também chamadas a “doutrinas não-escritas” de Platão. Segundo Reale, “essa doutrina contém a fundação última, porque explica quais são os Princípios dos quais brotam as Idéias (que

por sua vez explicam as coisas) e, portanto, fornece a explicação da totalidade das coisas existentes”.

Enfim, Platão teria reservado tais ensinamentos à oralidade não porque fossem em si inexprimíveis, como uma mensagem ascética impossível de ser fixada por escrito. O filósofo tinha razões didáticas para proceder assim, pois, como explica na *Carta VII*, escrever tais doutrinas seria útil somente a poucos homens, capazes de com pouca ajuda chegar às verdades supremas, e nocivo para a maioria. Então, incapazes de compreender os Princípios, os homens desprezariam os ensinamentos ou se encheriam de vanglória e soberba, pensando conhecer coisas que na verdade ignoram. Para Platão, tal perigo deixa de existir quando a mensagem é transmitida oralmente, pois, então, conduz-se a discussão pela única via que pode levar à verdade: a dialética.

ROBERTO C. G. CASTRO*

* Graduado em Filosofia pela FFLCH-USP.